

Kliemann: o caso que abalou Santa Cruz

Por: Viviane Dreher

Manhã de 10 de junho de 1965. Ginásio do Corinthians Sport Club lotado. Cerca de duas mil pessoas aguardavam o início do maior julgamento de Santa Cruz do Sul e também do Rio Grande do Sul. Em frente ao prédio, uma fila com mais de mil curiosos, partidários políticos, estudantes de Direito e advogados dos quatro cantos do Estado. Os mesmos que na noite haviam esgotado as vagas nos hotéis da cidade. Todos queriam ver de perto o fim do caso Kliemann, a morte no estúdio de rádio que abalou os santa-cruzenses.

No banco dos réus, Floriano Peixoto Karan Menezes, 36 anos, vereador do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), conhecido na época como *Marechal*. Ele assassinou com um tiro no peito o deputado estadual do Partido Social Democrático (PSD), Euclides Nicolau Kliemann, 41 anos, durante um programa ao vivo na Rádio Santa Cruz. O crime marcou o fim de carreira de um político conhecido não somente pela personalidade forte, mas também pela morte trágica da esposa. Na defesa do vereador, estava o também deputado Pedro Jorge Simon, um advogado de 34 anos e integrante do PTB. Hoje senador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi uma das peças importantes deste fato histórico. Simon lembra com exatidão do primeiro dos três julgamentos: “De um lado do ginásio estava o PSD, de outro o PTB e, na primeira fila, a família Kliemann”. Naquele dia, um fato inesperado interrompeu a sessão. “Após 12 horas de muita tensão, um jurado passou mal e o julgamento foi adiado”, recorda.

No dia primeiro de julho do mesmo ano, aconteceu a segunda reunião do júri. O ginásio voltou a ficar lotado e a 1 hora da madrugada ainda haviam pessoas querendo entrar. Duas horas depois, Simon iniciou a defesa. Um dos recursos utilizados por ele foi a gravação do dia do crime. Em silêncio total, todos ouviram os detalhes do assassinato. “Parecia que Kliemann estava ali”, afirma o senador. Ele acrescenta: “Nas suas declarações, dava para sentir que o deputado sabia que ia morrer, numa espécie de despedida, pois dizia que a vida era um inferno e que não agüentava mais as acusações de assassino da esposa”.

Ao mostrar a fita, Simon fez as milhares de pessoas presentes voltarem no tempo, mais precisamente na tarde de 31 de agosto de 1963.

Naquele dia, depois de discursar durante uma hora e de também atacar o PTB, Kliemann desocupou o microfone da rádio para dar lugar ao vereador *Marechal*. Enquanto o vereador defendia o seu partido, o deputado redigia uma carta-resposta às acusações do petebista. Foi quando ouviu as palavras que o fizeram ir de encontro a morte. No momento que o *Marechal* falou: ‘Assim como tu acusas o PTB, também te acusam’, Kliemann entrou correndo no auditório, sem ouvir ‘Só que eu não acredito’, que foram as últimas palavras do vereador”, conta Simon. Kliemann entrou com a mão esquerda levantada dizendo “Essa

não”. A reação do vereador foi um tiro, que atravessou a mão do parlamentar e atingiu o coração.

Terminada a execução das fitas, Simon lembra que seu partido achou que ele estava a favor do PSD. “Eu tinha como objetivo mostrar que haviam duas vítimas”, afirma o senador. “Eu conhecia o deputado e sabia que ele não havia matado a esposa, o que pode ter acontecido é que ele soubesse de algo que não ficasse bem para a família”.

Marechal foi condenado a um ano e seis meses, por homicídio culposo. A defesa apelou por considerar a pena leve para o assassino do principal homem público de Santa Cruz do Sul. Um terceiro e último julgamento, em dezembro de 1965, resultou em seis anos e seis meses de detenção para o réu. Floriano Peixoto Karan Menezes cumpriu apenas parte da pena, devido aos bons antecedentes criminais e hoje mora em Florianópolis, Santa Catarina, sem nunca mais querer falar sobre o assunto. Do marco para a história gaúcha, Simon garante: “Foi um fato amargo e doloroso, mas acho que ajudei a diminuir o clima tenso e de tristeza para a família e para o cidade.”

Querido e odiado

O Deputado Euclides Kliemann era, ao mesmo tempo, uma figura querida e odiada. Considerado um líder político, suas ações trouxeram vários benefícios para o município. A última e mais polêmica foi a obtenção de 50 mil cruzeiros, em apólices do estado, para a pavimentação da rua que liga o centro ao bairro Arroio Grande, avenida que hoje tem seu nome. E o assunto motivo para o debate que o deputado queria realizar na rádio. Como não havia propaganda eleitoral nos meios de comunicação, era através de espaços marcados que os políticos discutiam mais diversos assuntos. Kliemann reservou um período e convidou todos os vereadores da cidade a participarem.

Mas somente *Marechal* aceitou o convite. O deputado, então, desistiu do debate e resolveu ocupar o espaço na rádio para explicar o polêmico tema. Sabendo disso, o vereador *Marechal* resolveu o tempo seguinte.

Assassinato da esposa não foi resolvido até hoje

Um mistério que até hoje não foi esclarecido. Assim foi a morte de Margit Kliemann, um assassinato brutal ocorrido em 20 de junho de 1962. Naquele dia, o corpo da esposa do deputado Euclides Kliemann foi encontrado no palacete do casal, em Porto Alegre. De acordo com a perícia, Margit foi atacada com um objeto que perfurou seu crânio e depois jogada do alto da escada.

Um dos inspetores que investigava o caso, Julio Moraes, apontava o marido como o culpado pelo crime. O jornal porto-alegrense *Última Hora* alimentava a acusação. Na época, vários boatos surgiram sobre o assassinato, sem nunca terem sido confirmados. Em março de 1965, a extinta Delegacia de Segurança Pessoal do estado inocentou Euclides Kliemann da acusação.